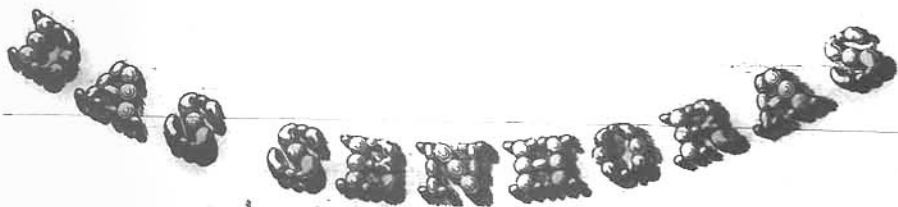


# O JORNAL



Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

∞ O programma e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina. ∞



Ora pois, minhas queridas leitoras. aqui tendes outra vez em corpo e alma a vossa Christina, que apesar de não ter a honra de conhecer-vos, uma por uma, tem ao menos o prazer de ser por vós todas conhecida, já se sabe, de nome e por escripto, quanto á pessoa.... quem sabe: talvez não me conheçais. *Um*as dizem que moro no Cattete, outras em Botafogo, na Gloria, na Lapa.... onde bem vos parecer; mas sempre vos direi, que a final forão as primeiras as que abertarão; porque os homens ainda continão a dizer que eu—sou homem!... Santo Deus, que aleive tão persistente!

Já somos conhecidas ha um anno inteiro; e anno bissexto de que as *comadres* benzem-se tres vezes! Fui a vossa leal e fiel interprete das modas, e empreguei-me em escreviuhar os artigos, ou como quizerem chamal-os, para, em falta de outros melhores, preencherem as columnas do JORNAL DAS SENHORAS, e satisfazerem uma das condições a que elle se propoz pelo seu programma. Bem ou mal, dei conta da mão, como se costuma a dizer; mas esse honroso trabalho custou-me, a fallar a verdade, alguma cousa caro. Tremi de frio e suci de calor muitas vezes, quasi ao mesmo tempo! Algumas

horas passei bem triste, outras muito alegre, até que por fim, depois de pagar o tributo do noviciado, tornei-me ao meu bom humor e sangue frio, como acontece a todo aquelle que se expõe ás cousas mais criticas e arriscadas, e nellas persevera. A principio tudo são receios, duvidas, inconvenientes; mais tarde vem o costume, a familiaridade de praticar, o medo já está longe, e pois, com todo o desembaraço de quem bebe um copo d'agua, vai a gente atravessando montes e vales sem mais pensar já no passado.

Mas, tornei-me ao meu antigo bom humor, queridas leitoras, como vos dizia, á custa dos suores frios porque passei escrevendo-vos os meus toscos artigos de modas! Tinha tamanho medo, logo no principio, que meus escriptos apparecessem em publico, como tive medo em criança ás palestras—*ahi vem o pobre*—com que era costume aterrar os meninos chorões; (dessa boa educação nos vem os sustos que ainda hoje temos das *almas do outro mundo*) gradualmente porém o medo foi desaparecendo á força de coragem e de vontade; e no fim de alguns mezes de luta constante, venci!

Então só me ficou de sentinella á vista o desgosto de não vos poder ser mais util do que sou

com a minha tão pouca intelligencia. Encomodava-me esta idéa. Felizmente vós de longe presentistes essa sentinella.... oh! bem guardadas estão as vossas animadoras cartinhas.... encorajastes-me, e generosas, como sois, fizestes-me chegar ao ponto de esquecer a mesquinhez de meus talentos para proseguir na carreira encetada, mais este anno.

Desde então, dei-me por feliz, queridas leitoras, por feliz em merecer as vossas atenções e agrados; o meu antigo bom humor, esse companheiro fiel, que eu mesmo o afugentára, para logo reapareceu; abraçamo-nos e caminhamos juntos até aos umbraes do presente anno de 1853.

Estamos na porta, ainda nos cumprimentos e cortezias. Nada de ceremonias, entremos e felicitemos a todas as nossas dignas leitoras que tiverão a fortuna de chegar ao anno novo escapadas da magra manopla do infortunio, e perfumadas nas excensias de todas as felicidades e venturas.

« Que tenham Vossas Excellencias muito bons annos em companhia de toda a nobre familia. » Era este o antigo cumprimento que os vossos antepassados dirigião em dia de Anno Bom ás pessoas de consideração; permitti pois que com este mesmo cumprimento que tanto tem de lacónico como de sincero, eu dê começo ao meu trabalho semanal, pegando-me com quantos Santos ha na côrte celeste para que tenha a fortuna de merecer a continuação de vossas sympathias, e os meus humildes artigos alcancem a mesma accitação com que vós os galardoades em 1852.

Estão abertos os trabalhos.

Não recapitulemos, queridas leitoras, o artigo — Modas — seia mui extensa a sua recapitulação, assim como a resenha dos bailes e festas do anno passado; não chegaria o JORNAL, e por fim sómente repisaríamos aquillo que já se disse, que já se sabe, e já é velho para todos. Que o 1852 não foi tão máo como podia ser, isso não tem duvida nenhuma; que algumas cousas boas elle nos trouxe, tambem é certo; e para prova do que, basta lembrar-vos, que foi nesse anno que pela primeira vez appareceu no Brasil um JORNAL ESCRITO POR SENHORAS ILLUSTRADAS, que não duvidarão assignar seu nome, empregar seus esforços á testa de uma tão útil empreza. Sim, o anno de 1852 vos merece uma saudade, um signal de gratidão; mas, isso deve ser baixinho, não devemos falar muito, para que o 1853 se não offenda, e não venha alguem dizer-nos que, por sermos mulheres, só o *nosso defunto nos agrada*.

Gradualmente irei fazendo as comparações entre a novidade das modas que forem apparecendo este anno com as que apparecerão o anno passado; fallarei em todos os movimentos em que me fór licito dar a minha opinião, e por esta forma vos livrarei de lerdes columnas e columnas abarrotadas de noticias já lidas.

Estamos no mez da nossa mais fervida estação. O mez de janeiro, cujo ar é tão lindo, tão poetico.... seus dias abafão de calor, a cidade despova-se, todos fogem do ar abrasador d'entre paredes ardentes a respirar a brisa para do cam-

po. Os pitorescos arrebaldes da cidade, as ábas e o cimo das nossas verdejantes montanhas, e as nossas amenas praias, fórmão hoje o suave brilhante recinto do mundo elegante e a morada provisoria da maior parte das familias que por ventura obtiverão uma casinha nesses bellos logares. A risonha e florida Petropolis, essa Petropolis de que eu tenho tantas saudades.... que a vi nascer e florescer ao impulso e cuidados de um homem incançavel, a cujas cinzas tributo veneração, hoje festeja viciosa e cheia de seus perfumes a feliz chegada de Suas Magestades Imperiaes, seus Augustos Hospedes, sob cuja protecção tudo ella deve. Muitas familias, hospedes de todas as classes para lá forão tambem passar a festa ao abrigo da estação calmosa; os hotéis estão cheios; muito prazer, muita vida em tudo.... Ah! é um gosto visitar Petropolis neste tempo.

Quem nos resta na cidade? Quem! eu vos digo: os de obrigação forçada, os que não têm uma habitação dada, comprada, emprestada ou alugada no campo, e os ambiciosos de ouro. Só estas tres classes formão por si o numero mais consideravel da população.

Mas estes ultimos enganão-se a si mesmo.

Agora vejo.... e esta! estou fóra de todos os limites!... Fóra do espaço que no JORNAL tenho á minha disposição; fóra da ordem, porque o artigo é de modas e eu já ia *rabecando* nos ambiciosos; e fóra mesmo de commodo, porque são duas horas da madrugada, ainda estou a escrever, e tenho somno a valer!...

Pois bem, queridas leitoras, mais duas palavras, destas que, algum sujeito muito apressado, pede a outro quando lhe quer dizer *cem ou duzentas*.

O figurino de noiva, que tenho o gosto de vos apresentar, por duas razões vai ter hoje ás vossas mãos. A primeira: por estarmos na época dos muitos casamentos na nossa terra, e nos haverem requerido as noivas um figurino tambem para si. A segunda: porque é o primeiro do anno, e segundo as antigas tradições, o que se dá no dia de Anno Bom progride, floresce on realisa-se por todo o anno. Ambicioso portanto que esta offeria, em companhia de minhas boas intenções, promovia, seja o incentivo de muitos e felizes casamentos para as minhas queridas leitoras solteirinhas; e para as casadas, a varinha magica que lhes torne em dias suaves de um noivado constante os futuros dias de sua existencia.

Vamos ver agora os figurinos.

### DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

VESTUARIO DE NOIVA.—Vestido de nobreza lisa com barra de *aplicação* em veludo branco. Esta barra é de um trabalho admiravel; consiste em uma delicada guaruição de folhos e caixinhos de uvas abertos e talhados em velludo: são os vestidos actualmente de mais novidade e distincção para casamento—Corpo afogado, um pouco aberto adiante, e com a bertura guarnecida em volta de renda de blond estreita deixando en-

trever uma camisinha, também afogada, de ponto de Inglaterra—Cintura redonda—Mangas compridas e meias largas, divididas em seis fôfos progressivos, com punhos lisos afunilados e presos com dois botões de perolas cada um—Uma larga fita branca chamaloiada fingindo cabeça e ao mesmo tempo cinto de grandes pontas volantes, forma o nobre e elegante ornamento deste vestido. Esta fita é toda guarnecida de uma rendinha de blond da largura de dois dedos.—No meio do cinto está collocado o ramo de noivado composto de uma rosa com seus botões circulares de flores de laranja—O véo é de filô liso, pregado por igual em o meio circulo da grinalda, para cahir direito até abaixo da barra do vestido.—A grinalda, ou antes, a corôa é de rosas orvalhadas e flôres de laranja, ella descança bem no meio da cabeça deixando ficar á parte o amarrado da trança, a qual fôrma em caracól acompanhando o penteado de bandôs de cabellos symmetricamente ondeados para simular canudos—Luvras curtas de pellica branca, lenço de ponto de Inglaterra e livro de missa.

*Toilette de Visita.*—Vestido de seda de cordão, cor de ouro, com quatro ordens de folhos largos divididos por galão de seda preta compondo a saia. Cada folho tem por enfeite uma ordem de pequenas rosetas em applicação feitas de veludo picado a ferro, as quaes também enfeitão a tira que forma o avental, com a differença porém, que nos folhos são as rosetas de igual tamanho, e no avental ellas vão diminuindo gradualmente até chegar á cintura—Uma renda de seda preta, recortada e apropriada a estes ornamentos, completa o avental guarnecendo de ambos os lados e estreitando-se com elle até á cima—Corpinho, de pequenas ábinhas (*basquine*), liso, afogado atraz, guarnecido das mesmas rosetas de veludo, e por dentro da abertura uma rendinha preta recortada, quasi unindo-se, deixando apenas revelar-se a camisinha de renda branca—Cintura redonda—As mangas são de um feitiço todo novo: são justas até o cotovelo, e depois, formando-se de um folho enviuzado, ellas se abrem de um forte franzido, preso á manga de cima para deixar ver-se por dentro outras meias mangas iguaes, de renda branca, mais um pouco mais cômpridas e de pontas redondas—Chapeo franzido (*Capote de gros de Naples*) cor de rosa e blond, enfeitado por fóra de folhagem verde, e no interior por crespos de fita cor de rosa e ouro—Laço de fita cor de rosa, pontas volantes, prende as ábas do *Capote*—Bandôs ondeados—Chale de cachemire Napoleão—Luvras cor de canna.

Cattete 1.º de Janeiro.

Christina.

### MEUS CUMPRIMENTOS.

Ha um anno, queridas leitoras, que vos dirigi uma breve allocução em despedida do anno que findava e em saudação daquelle que se nos anto-

lhava risonho e prazenteiro como a aurora de um bello dia; este também já vai perdido no correr dos tempo; e eis-nos outra vez em dia de anno novo! Este dia valente e magestoso sempre nos produz sensações agradaveis, e uma encantadora e indelivel alegria! E porque? por vermos a terminação de um anno, desse rapido momento no volver dos seculos, mas longo espaço na vida humana? Oh! como lgeiros os annos caminhão, uns após outros, e com elles os radiantes dias da mocidade, para breve naufragarmos no inverno da existencia! e ainda assim applaudimos cada anno que chega, e nos alegamos com a nova era!... E porque? por não pensarmos na vida com criterio, e por lhe prestarmos apenas secundarias atenções! Qual de vós lamenta o grande tempo que se tem diminuido na vida? ... A fragil humanidade vive de illusões, conservemo-las neste ponto!

Saudemos, saudemos o anno de 1853; que venha elle trajando rosadas galas, e que seus dias se vão renovando doce e beneficemente! Saudemos essa nova era de vida, rogando ao Omnipotente, que nos dê vigorosa saude, e que afaste para longe de nós essas tristes emoções que amargurão e ennegrecem a nossa existencia.

A...

## O LIVRO DE JULIA.

### Fragmentos.

(Continuação.)

### III.

.....  
 Que espectáculo tão magestoso ora se desprega aos olhos!

As sombras da noite a dissiparem-se gradualmente.... quasi dissipadas....

E as estrellas, como que euvergonhadas, a fugirem com as trevas.

E as cumiadas dos montes a tingirem-se de uma cor de fogo vivissima.

E o sol, enfim, depois de banhar a fronte linda no Oceano, surgindo desafrontado e dárdejando raios de luz, a allumiar o Universo.

Que espectáculo tão magestoso ora se desprege aos olhos!

A terra, humedecida com o orvalho da noite, exhaja de si um cheiro agradável, que lhe communicára a folhagem das fl res delicadas que o tufão nocturno desprendera da hastea.

E a fontinha lá está reflectindo em sua superficie plana e movediça o balouçar da ramagem, que a brisa da madrugada escolhera para theatro de suas travessuras.

E uma alluvião de passarinhos de todas as castas lá vem em coro saudar o astro do dia, todos elles gorgiando, a seu modo; o hymno do Eterno.

E' bem deliciosa esta orchestra!  
 O canto matutino das avezinhas dos campos é tão mavioso e suave a saudar o sol, como devêra ser mavioso e suave o primeiro canto do primeiro homem a louvar o Senhor, quando lhe dera uma companheira!

Que espectáculo tão magestoso ora se desprega aos olhos!

Julia, as bellezas da madrugada não t'as sei eu pintar. Para t'as fazer sentir fôra mister levantares-te logo ao romper d'alva, quando as primeiras faiscas de lume se coão pelas figas da porta do teu quarto, e quando a sombra de qualquer objecto deixa de te apresentar uma configuração extranha: — fôra mister que me acompanhasses então, para sentires, como eu agora estou sentindo, as delicias da natureza no alvorecer de um bello dia de estio.

Julia, parece-me que tudo quanto ha bello no mundo foi, sem duvida, criado a esta hora.

E' a hora do crepusculo da manhã!

Muito encantadora é esta hora!

E' a transição das trevas para a luz.

Nem aquellas imperiões, nem esta domina o Universo, — comtudo a vida que se nota em todos os seres criados bem dá a entender que o manto da noite está prestes a rasgar-se, e que o dia a vem substituir. Esta certeza, Julia, hade affoitar-te a, um dia, sahires de tua casa e vires contempler o nascer do sol.

Olha que hasde gostar muito desta scena riquissima, que eu estou agora desfructando.

Mas.... como te ia dizendo, tudo o que é grande e bello, parece-me a mim que foi concebido, quando não executado, nesta hora mysteriosa do crepusculo. Talvez que a idéa que o Criador teve de criar o homem fosse tambem engendrada na sua mente omnipotente a esta hora.

Estou muito crente que este uso que nós temos de logo pela manhã saudarmos os nossos superiores, este costume tão expressivo, tão sublime, é uma tradição que atravez de milhares de gerações nos veio do pai commum, quando, constituido no paraizo terrestre, erguia as mãos ao Céu e bem-dizia o Eterno por beneficios tantos.

Os primeiros canticos de Adão forão, por certo, entoados no Eden formosissimo á hora do crepusculo.

Muito encantadora é esta hora!

E' quando a alma do homem está pura, que a purificou o somno da noite. O somno, como dizem alguns pensadores, é uma especie de morte, é, pelo menos, a morte de algum tempo.

Enquanto repousa o corpo, a alma está sempre em acção que é o seu destino; mas em que empregará ella essa acção? em cousas más não é possível, porque a não ajuda o concurso do corpo; supponho eu que, durante esse tempo, ella se eleva até Deus, contricta dos erros passados, a receber da mão do Eterno a absolvição que implora.

E' por isso que pela manhã, quando acordamos, a nossa primeira lembrança é orar ao

Criador.... — é render-lhe graças pelos beneficios concedidos.

E depois, tudo o que faz a nossa alma, tão pura então, como quando sabiu das mãos de Deus — é grande e nobre.

Julia, um dia, depois da oração da manhã, hasde vir comigo contempler a face da madrugada ao despontar do sol.

Olha que te hasde regosijar muito, muito.

Deixa que os chamados felizes da terra não sintão gozos perfectos. Deixa que elles se envergonhem de ouvir os sinos chamando os fieis ao primeiro-officio divino. Embriagados com os deleites dos sarões deitarão-se, quando principiava a raiar o dia. A noite para elles é o melhor do tempo que passão neste mundo. As horas do dia são-lhe enfadonhas, encommoão-nos até os raios vivificadores do sol. Quando as luzes das suas salas estão quasi gastas começa de inquietal-os a idéa, de que em breve se acabará a orgia deliciosa que lhes ia sumindo insensivelmente os momentos da vida.

A existencia destes entes é bem desgraçada, posto que elles se julguem venturosos.

Cada badalada que vibra o sino da alvorada, faz-lhes soar ao ouvido o mesmo sonido da ampulheta da existencia. Cada grão que ella esvasia echôa-lhes n'alma como a recordação pungente de uma saudade do passado....

E os dias fogem-lhes, e a vida, gastada pelos gozos materiaes, esvai-se-lhes mais breve do que elles cuidão.

Deixa que os chamados felizes da terra não sintão gozos perfectos.

Assentados um em frente do outro, todos entregues a nós mesmos, vivendo um para o outro, respiraremos o ar purissimo que eu estou agora respirando sózinho.

Nesse dia hasde ir munida de um livro bem traçado, para ali espraiares a tua imaginação por essas bellas concepções do genio....

Assim faço eu muitas vezes.

R' quando se estuda melhor; é quando se estuda verdadeiramente.

A nossa alma, despreocupada das impressões que a cercão no centro da vida material, acha na solidão o repouso de que precisa para bem poder entregar-se á meditação.

Bem profundadas ficão as idéas que se adquirem áquella hora do crepusculo da manhã!

Gravão-se tanto no espirito que jámais se nos riscão da memoria!

Julia, não creias no que te dizem os philosophos ácerca das delicias que o ente apaixonado busca no estudo.

Deixa lá dizer a madama de Stael que o homem apaixonado encontra no estudo o mesmo grão de aborrecimento que lhe nota o homem estúpido.

Embora te diga a autora de Corinna, que o desgraçado só se entrega ao estudo para escapar á dôr; — que se elle consagra alguns poucos instantes á leitura, é só na esperança de os ver





passados breve; — que se elle se captiva não é para viver, mas só para não morrer.

Até certo ponto poderá ser verdade o que diz a illustre escriptora. Certamente, se a paixão que domina o ente vem sellada com o cunho da desgraça, então não duvidamos crer na asserção de Stael, porque, como diz Rostran, fallando do amor desgraçado, quando se está sob o jugo de uma paixão profunda que nos martyrisa a alma, não pôde funcionar a intelligencia, e os sentidos paralisão-se. Tudo o que rodeia o infeliz é-lhe importuno, e até o desgostão as distrações; sómente a solidão é que lhe offerece atractivos mesquinhos e ephemeros....

Mas não os creias em toda a extensão da palavra. Um estado de inacção completa só pôde dar-se quando a alma deixa de habitar o corpo. A missão desta é trabalhar sempre.

Já eu te disse que enquanto o corpo repousa a alma esvoaça pelas regiões dos Céus, e quando assim não acontece olha que está funcionando mesmo independente do corpo. Sonha-se então.

.....  
Ha mil exemplos que destróem a proposição generosa desses philo. ophos.

Quantas almas atreladas ao carro da infelicidade não vemos nós todos os dias quebrarem, por meio do estudo, os laços duros que as prendião?

Para um ente acabrunhado por desditas sem numero poderá não haver distrações no mundo, mas o estudo hade minorar-lhe as penas, ao menos.

*Continúa.*



### UM ADEUS AO ANNO PASSADO.

Adeus ó anno saudoso  
Qu'inda hontem expiraste,  
Parecias um gigante  
E tão ligeiro acabaste!

Tão alegre, tão risonho  
Mostravas longo viver,  
E qual florinha do prado  
Foste logo perecer!

Quanto lamento saudosa  
O teu cruel passamento,  
Tua existencia p'ra mim  
Foi breve como um momento!

Foste sempre tão propicio  
A tudo que desejei,  
Bellos dias, gratas noites  
Brandamente desfructei.

Ricos bailes e theatros,  
Quantos quiz, todos gosei;  
E nos Templos do Senhor  
Por muitas vezes orei.

Desfructei bellos passeios  
Em claro, puro luar,  
Por entre mimosas flores  
Que a brisa faz murmurar.

Tambem em verdes campinas,  
Cortadas de frescas agoas,  
Quantas vezes mitiguei  
Meus tormentos, minhas magoas!...

E quando a faceira aurora  
Vinha o mundo despertar,  
A risonha Natureza  
Ia eu logo contemplar.

Contemplava as avesinhas  
Ternos hymnos entoando,  
Suaves e lindas flores  
Seus aromas exhalando.

Contemplava como o sol  
E' soberbo no raiar,  
E como nas rochas duras  
Se quebrão ondas do mar,

Alegre vida eu passei  
Sem desgostos, sem tormento,  
E assim vouu um anno  
Como se fosse um momento!

Adeus ó anno saudoso  
Qu'inda hontem expiraste,  
Parecias um gigante  
E tão ligeiro acabaste.

*Por uma joven de 15 annos.*



### ESPERANÇA E ILLUSÃO.

Lisongeira esperanza que alimentas  
Corações da desgraça perseguidos!  
Nem teus magicos dons consolo alma  
De quem não vê um fim a seus gemidos.

\*\*\*

Oh! Céos! Que doce ventura  
O meu peito agora sente!  
Elle vendo-me sorriu-se,  
E esse riso me não mente!

Já se cobre de esperanças  
O meu peito angustiado,  
Já parece que não sente  
Adôr que o tem torturado!

Em breve se apagarão  
Os signaes de meu desgosto,  
Já não banha o triste pranto  
Meu tão despotado rosto.

Já teve Deus piedade  
De meu lamentar tão forte,  
De meus suspiros e pranto,  
De minha tão dura sorte.

Oh! Que prazer! Que ventura  
En gozo neste momento!  
Suaves são meus suspiros,  
E' de amor meu sentimento!

Eu já não posso, meu Deus,  
Occultar minha alegria;  
Chega o tempo da ventura  
Vai-se ô da melancolia!...

Mas ah! Se troca em meu peito  
Pela esperança a illusão,  
Elle me solta outro riso  
Que de amor não é mais; não.

Este riso é de sarcasmo,  
E' riso desprezador,  
O riso que me illudiu  
Augmentou mais minha dôr!

Ai! Triste, ai desgraçada,  
Que te deixaste, illudir!  
Pois cuidaste achar firmeza  
Da illusão n'um sorrir.

Elle viu-me, elle sorriu-se;  
E julguei-me triumphante!  
Mas ah! Que um riso de amor  
Dura menos que um instante!...

Mas, oh Deus, tudo acredita  
Quem sinceramente adora,  
Sempre illude-lhe a esperança,  
Sempre, sempre a toda a hora!

Mas porque descortinou-me  
Esse sorriso a illusão  
Daquelle que a esperança  
Me gerou no coração?!...

Oh! meu Deus, eu vos supplico,  
Deixai-me viver no engano,  
Fazei com qu'elle me adore,  
Embora impio e tyranno!...

Co' um sorriso elle ateou-me  
Em meu peito ardua paixão,  
E depois tambem co'um riso  
Mostrou-me impia illusão!

Deu-me um sorriso de amor  
Outro deu-me traçoeiro  
Permitti que de remorso  
Seja o seu riso terceiro!

Analia.

**CANÇÃO.**

Eu nasci, meu astro bello  
Lá no Céu me rutilou,  
No correr de minha infancia  
Sem cessar sempre brilhou.  
Mal cheguei á juventude  
Nuvem negra o sepultou;  
E meu astro tão fagueiro  
Lá no Céu mais não brilhou.  
E seu brilho transitorio  
Só a infancia me doirou.

E proscripto, á estranha plaga  
Cruel sorte me arrastou,  
E sentido á praia estranha,  
Triste a vaga murmurou:  
« O teu astro bello e puro  
« Já da esphera s'ausentou;  
« O farol de tua vida  
« Para sempre se apagou! »  
E sem norte, em mar d'angustias  
Só em trevas me deixou!...

Salomon.



**Aerostico.**

O Deus de amor me mostrou  
Tinda flor fresca e cheirosa,  
Tinda mal s'erguendo airosa  
No pézinho que a brotou;  
Desejei-a... sem jámais  
Tndagar se a merecia!...  
Não m'a deu!... desde esse dia  
Acabrunho o peito em ais.—

C. P.



**MAXIMAS E PENSAMENTOS.**

DE UMA ILLUSTRE CAPACIDADE BRASILEIRA.

Escrever sem sinceridade é peor que fallar  
sem ella. Como ha mais fé na letra do que na  
palavra, segue-se que os escriptos de má fé tem  
maior alcance, e por conseguinte são de mais  
perniciosas consequências.

O homem que perde a vergonha pôde talvez  
reparal-a de futuro, mas a mulher que uma vez  
perdeu o pejo, tarde ou nunca mais o restaura.

A gratidão é uma espécie de justiça. Quem se  
esquece dos favores que recebeu, pôde ser accu-  
sado de não pagar o que elle não pôde negar que  
deve.

Ha poucas occasiões em que nós devemos ser mais cautelosos, do que na conversação. *Homens e mulheres que frequentais as sociedades, tende sempre em lembrança este conselho.*

As livrarias são os guarda-roupas da literatura; d'ahi tirão as pessoas competentemente habilitadas, o que precisão para enfeite, por curiosidade, e ainda mais para uso.

Entre o odio e a compaixão ha esta differença, e é que a compaixão todos a tem na boca e raras vezes no coração, e o odio ninguém o quer confessar, posto que muitas vezes o tenha no coração.

A injuria está sujeita á mesma lei dos corpos phisicos: a sua gravidade é proporcional á altura d'onde é lançada.

A alcunka é peor que a doença, porque esta quando muito, chega até á morte; mas a alcunka passa á descendencia.

### A LOUCA.

O facto que vamos contar teve logar recentemente em Saumur, pequena cidade de França, sobre as margens do Loire.

Ha nesta cidade um hospital de doudos, s'ituado sobre o alto de uma rocha mui perto da margem esquerda do rio. Para habitação dos doudos furiosos abrião-se na rocha alguns pequenos cubiculos fechados por grossas barras de ferro. O pitoresco do sitio, e o bello ponto de vista que dali se gosa, atrahem muitos espectadores a visitar esta habitação de dor e de miseria.

Em um dos primeiros dias de setembro do anno passado, uma joven senhora, acompanhada de seu marido, e levando pela mão uma linda menina sua filha, admirava do alto da rocha as vistosas e alegres campinas, que se estendem de

Tour até Angers, e a corrente rapida e magestosa do Loire, quando uma gargalhada de riso lhe fez despertar a attenção. Era uma louca, a quem tinham aberto a grade do seu cubiculo para sahir ao pateo, porém segura por uma longa corrente de ferro, que ia prender dentro do cubiculo. Esta desgraçada teria apenas vinte annos. Seus olhos azues mostravão tanta doçura, seu branco rosto offerencia tantos encantos, e seus compridos cabellos louros cahião-lhe com tanta graça sobre os hombros, que causava forçosamente uma grande pena o vel-a naquelle estado.

A joven senhora perguntou á irmã de caridade que a acompanhava, quem era esta rapariga, e porque se exercia tal rigor para com ella.

A irmã de caridade respondeu abaixando os olhos e corando: « É Maria, uma costureira da cidade, que se deixou vencer pelas seducções do espirito maligno. O seu amante a abandonou, e ella perdeu depois, no fim de dois annos, uma filha, unica prenda que delle lhe restava. Esta perda a conduziu ao nosso hospicio; e é preciso estar assim presa, porque tem repetidos accesos de furor. »

A boa irmã calou-se, e beijou a cruz do rosario que lhe pendia da cintura. Os dois esposos reflectião em silencio sobre a triste narração que acabavão de ouvir; quando a louca, arremessando-se de repente, quanto o permitia a extensão da sua cadea, agarra a menina, e com a rapidez de uma flexa a conduz para os seus bancos de pedra.

A mãe soltou um grito de terror, e se precipitou sobre a louca, que a repelliu com brutalidade.

— Oh! que linda menina! exclamou Maria... é ella.... não tem duvida, é ella! Deus m'a restitue!... Oh! quantas graças eu lhe rendo a este bom Deus!

E ella saltava de alegria, tendo a menina apertada nos braços, e cobrindo-a de beijos e caricias.

O pai pretendia arrancar-lhe por força; mas a religiosa o suspendeu, dizendo que seria melhor levar-a por bons modos.

— Mas vede que essa não é vossa filha, diz ella á louca; nem se parece com ella.

— Não é a minha filha, bom Deus!... E', é... olhai, irmã Martha; os seus olhos, a sua boca... é todo o retrato de seu pai... eu a reconheço. Ella desceu do Céu... como é linda, como é linda a minha filha!



Fazia dó ver entretanto a pobre mãe que seguia com ansiedade todos os movimentos da louca; e chorava, e ria seguidamente, segundo que Maria estendia a menina para a religiosa, ou a recolhia outra vez para si.

— Empréstai-me por um instante a vossa filha; lhe diz então a boa irmã.

— Que vol-a empreste!... Sim, sim... Mas esperai; da primeira vez também os padres me disserão que eu a emprestava por algum tempo ao bom Deus, que tinha precisão de anjos no Céu; e ella esteve mais de um anno sem voltar... Oh! não,... tenho soffrido muito com a sua ausencia; eu não a tornarei a deixar... mais facil me será mata-la e guardar o seu corpo.

Ao mesmo tempo ella fazia o movimento de lhe esmagar a cabeça contra a parede.

A pobre menina passada de susto, nem podia chorar; o medo a tornava quasi insensível.

A mãe, também cedendo a tão forte commoção, pallida e desfalecida, cahiu de joelhos; e entre agudós gemidos supplicava humildemente á louca, que lhe restituísse a sua filha e que lhe não fizesse mal.

Maria nada via, nada ouvia; tão attenta ella estava a embalar nos braços a menina, e a beijar-lhe os olhos e a boca.

O pai tinha corrido a toda a pressa chamar o director do hospital.

Seria difficil dizer quem era a verdadeira louca; se a mãe que desvairada pedia a filha em altos gritos, ou Maria que ria descompassadamente apresentando a menina seu peito ressequido.

O director julgou acertado não empregar a força, deixar a louca retirar-se para o seu cubiculo, e aproveitarem-se do somno que sempre se seguia aos grandes accessos, para então lhe tirar a sua presa.

Assim aconteceu. Passados mais alguns minutos, Maria entrou no cubiculo; pousou a menina ao pé da cama, fez uma cova no enxergão, e com o cobertor lhe formou á roda um anteparo. Deitou a menina nesta especie de berço: e começou a acalental-a com cantigas maviosas; a voz lhe foi faltando pouco a pouco, e por fim ella adormeceu ao lado da menina. Entretanto a mãe immovel junto á grade, com os olhos fitos sobre a cama, nem ousava respirar.

O director entrou então no cubiculo, pé ante

pé, levantou rapidamente a menina, e veio entregal-a nas mãos de sua mãe, que sóltou um profundo grito partido do coração, e deitou a correr apertando nos braços a sua preciosa carga.

Este grito acordou Maria: não vendo a menina ao pé de si, levanta-se e corre á grade. Vê que lhe levão a sua filha; dá um berro, como a hyena a quem roubão seus filhinhos; e cahe redondamente no chão.

A infeliz acabou de existir.

*Tradução.*

*A. P.*



Com este numero principia a nova assignatura de seis ou doze mezes do anno de 1853. As nossas Assignantes que quizerem ter a bondade de renovar-a poderão mandar para esse fim á casa dos Srs. Wallerstein e C. n. 70 e á do Sr Mongie n. 87, rua do Ouvidor, os quaes Srs. continuão o favor de incumbir-se da gerencia de assignaturas prestando-se a todos os esclarecimentos que forem necessarios.

A redacção não suspende a nenhuma de suas Assignantes a entrega do JORNAL DAS SENHORAS; fica á disposição das mesmas senhoras remetterem ás casas acima indicadas as folhas que houverem recebido, quando infelizmente não queirão continuar a sua assignatura.

*A Redactora em Chefe.*

Uma brilhante estampa com dois figurinos de noiva e de fazer visita acompanha a este n. 1 do 1.º semestre de 1853.

Com este numero damos ás nossas Assignantes um supplemento com a conclusão do facto historico—MUITO TARDE—que ainda pertence ao n. 52 do anno passado.